

**D'ONOFRIO, S. (2007): FORMA E SENTIDO
DO TEXTO LITERÁRIO**

Anne Caroline de Moraes Santos (UVA)
annemorais17@hotmail.com



D'ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.

<https://www.amazon.com.br/Forma-Sentido-do-Texto-Liter%C3%A1rio/dp/8508110774>.

Muitas são as obras que tratam sobre a forma e o sentido do texto literário. A obra *Forma e sentido do texto literário* (2007), de Salvatore D'Onofrio, italiano, naturalizado brasileiro, escritor e professor de Teoria da Literatura, tem como objetivo trazer reflexões acerca da estrutura interna da obra ficcional, ou seja, uma visão sincrônica, como o próprio autor sinaliza no Prefácio.

Diferente da obra *Literatura ocidental: Autores e obras fundamentais* (2002), do mesmo autor, cuja visão é diacrônica, pois foca no estudo da literatura ao longo de diferentes épocas, na obra aqui em análise, temos um Salvatore, que contribui muito para introduzir em seu leitor repertório sobre a criação do texto ficcional; principalmente dentro das categorias de gênero, narrativo, lírico e dramático, o livro “(...) se ocupa da matéria referente à teoria dos gêneros, agrupando a produção literária em macrogêneros (narrativa, lírica e drama) e em suas espécies mais cultivadas (romance, poema, peça teatral etc.)” (D'ONOFRIO, 2007, p. 9).

Tal objetivo se revela de imediato na divisão em quatro partes escolhidas pelo autor. Na primeira, traz debates preliminares sobre a questão dos gêneros; na segunda, trata especificamente sobre a teoria da narrativa; na terceira, sobre a teoria da lírica; e na quarta, sobre a teoria do drama.

Sobre a narrativa, as reflexões trazidas pelo teórico se aproximam de teorias do estudo da linguagem que dividem o plano externo (em que

vivem os enunciadores reais) do plano do dizer (a enunciação em si), como a de Patrick Charaudeau em *Linguagem e discurso* (2008). Nessa obra, Charaudeau desenvolve a teoria dos quatro sujeitos, demonstrando que participam do ato comunicativo dois sujeitos reais (Eu comunicante e Tu interpretante) e dois sujeitos do dizer (Eu enunciador e Tu destinatário). O Eu comunicante, produtor da fala, cria uma imagem de si no discurso, o Eu enunciador, com base numa imagem de público-alvo, o Tu destinatário. Essa última imagem é construída com base no interlocutor real, Tu interpretante. Nesse jogo comunicativo, assim como faz Salvatore em sua teoria sobre a narrativa, temos dois campos, externo e interno.

Segundo D’Onofrio, “no mundo da existência física, o emissor é o autor que destina sua obra (mensagem) a um leitor virtual (receptor)”. Já no texto artístico, “o emissor é uma personagem (o narrador) que comunica a outra personagem (receptor) fatos, ideias e sentimentos (mensagem) (...)” (D’ONOFRIO, 2007, p. 48). Vale destacar aqui que esse emissor do plano artístico pode, pelo recurso da metalinguagem, conversar com o leitor virtual da existência física. Se aplicássemos a teoria de Charaudeau a esse pensamento de D’Onofrio, a questão se tornaria mais complexa, pois precisaríamos pensar a personagem como um Eu comunicante que criaria seu Eu enunciador dentro do mundo ficcional com base na imagem de Tu destinatário (outra personagem). Essas instâncias se multiplicariam mais ainda. Convém destacar que estudar a personagem a partir das imagens que ela cria de si torna rica a análise literária e também a própria produção artística, pois a personagem passa a ser vista como ser cuja construção discursiva depende das relações sociais estabelecidas por ela na obra e não como um fantoche do seu criador.

Essa obra de D’Onofrio, sem dúvida, traz tipologias importantes para pensar nos elementos da narrativa, tipos de narrador, espaço, tempo, discurso, construção do enredo e das personagens. Sobre o narrador, por exemplo, foram apresentados 8 tipos, 4 referentes a narrador em terceira pessoa e mais 4 referentes a narrador em primeira pessoa. Os narradores em terceira pessoa são: narrador onisciente neutro (sabe o que se passa no íntimo da personagem, e a narração se passa de “modo neutro”); onisciente intruso (oposto do neutro, a narração possui julgamentos de valor por parte do narrador); onisciente seletivo (narração apresenta ponto de vista da personagem a partir do discurso indireto livre); narrador-câmera (narrador mostra apenas como um observador que “analisa realisticamente a conduta e o meio como materialmente observáveis”). Já os narradores em primeira pessoa são: narrador-protagonista; narrador secundário;

narrador-testemunha (personagem que está na estória só para narrar); narração dramática (não existe um narrador específico, “mas todas as personagens, por meio do diálogo, funcionam como narradores e destinatários da mensagem”)⁵².

Essas definições são apresentadas de forma bem breve na obra, sem muito aprofundamento, pois o teórico foca na estrutura da enunciação, do enredo e não nos elementos espaço, tempo e narrador. Sobre o plano da história, D’Onofrio divide o estudo da narrativa em três níveis: fabular (“estudo da história ficcional na sua ordem cronológica e estética); atorial (estudo das personagens); e descritiva (estudo de tempo e espaço). É dado destaque ao nível fabular, principalmente ao pensamento do estruturalista Propp, o qual estuda as partes essenciais da narrativa divididas em “funções”, ou seja, “átomos narrativos (...) ligados entre si pelo mecanismo da causalidade, constituem o arcabouço da fábula de uma narrativa” (D’ONOFRIO, 2007, p. 57).

São várias essas funções, tais como, afastamento, cumplicidade, dano, pedido de socorro entre outros. Se compararmos, por exemplo, essas funções com estudos acerca da jornada do herói em pesquisas sobre *storytelling*, vemos conceitos similares, como chamado para a aventura, recusa ao chamado, encontro com mentor, provação etc. São estruturas essenciais, segundo estudos estruturalistas, que compõem as narrativas.

Sem dúvida, as teorias mencionadas nesse capítulo da obra do teórico italiano se aproximam de estudos estruturalistas da literatura, cujo foco é pensar sobre a obra em si sem estabelecer conexões com elementos extraliterários, contexto, autor entre outros.

O capítulo sobre a teoria da lírica, assim como o anterior, estuda a lírica a partir dos níveis que a compõem: nível gráfico (configuração gráfica do poema); nível fônico (estudos dos elementos sonoros); nível lexical (uso específico que se faz das palavras na poesia); nível sintático (estudo das relações sintagmáticas entre palavras); e o nível semântico (estudo das significações do texto poético).

Além de apresentar cada um dos níveis (recomendo a leitura atenta de cada um, pois traz conceitos para pensar nessas camadas que compõem o texto poético), Salvatore trata das modalidades do gênero lírico, desde a ode, a cançoneta, até o soneto, os madrigais entre outros. Para aqueles que procuram saber mais sobre esses gêneros, essa parte é indi-

⁵² Essas definições estão na obra de Salvatore, p. 52-4.

cada. Percebo, como professora de Teoria da Lírica, que os alunos sabem falar sobre os gêneros que compõem os textos narrativos e os dramáticos, mas se perdem quando precisam tratar dos gêneros pertencentes ao lírico. É muito comum acharem que tudo é poesia, ignorando essas modalidades apontadas anteriormente. Não diferenciam poesia de poema, nem sabem como encaixar a letra de música nesses estudos.

Por fim, a teoria do drama, gênero menos explorado pelo autor na obra. Isso fica evidente pela quantidade de páginas destinada a essa parte. Para os outros dois gêneros, entre 100 e 120 páginas; para o drama, 32 páginas. Seu foco é tratar de conceitos basilares sobre o drama e os elementos estruturais da peça teatral, como enredo, personagens, atores, público, cenografia, sonoplastia, direção. Além disso, trata dos tipos de teatro (político, épico, do absurdo etc.) e as principais formas de dramaticidade (tragédia, comédia, drama moderno, teatro da ópera e peças menores).

Encerramos a resenha desse livro essencial para as reflexões sobre a literatura com uma frase do próprio Salvatore ao fim do Prefácio: “aprender a estrutura de um texto nos levará a captar seu sentido. E quem ler compreendendo vai querer ler cada vez mais, pois só se ama o que se conhece por dentro” (D’ONOFRIO, 2007, p. 11).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- D’ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Literatura ocidental: Autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2002.